

## Aspectos da relação entre ‘norma’ e ‘desvio’ no alemão do séc. XIV

FRANCISCO M. C. DO ESPÍRITO SANTO  
(Universidade de Aveiro)

O objectivo principal do projecto aqui apresentado<sup>1</sup> foi de re-interpretar, numa perspectiva fonológico-grafemática, a língua do manuscrito ‘W’ de *Tristan* de Gottfried von Straßburg. Esta análise foi realizada através da comparação (entre outros) dos dados contidos no estudo de Karl Marold (cf. GOTTFRIED VON STRASSBURG) com as cartas do “*Atlas Histórico-Linguístico do Sudoeste Alemão*” (KLEIBER/ KUNZE/LÖFFLER 1979) obra que, de ora em diante, referiremos, abreviadamente, como HSS).

O espaço linguístico sudoeste alemão ocupa, para além do estado federado de Baden-württemberg, partes da Renânia-Palatinado e de Hessen (a norte e nordeste, respectivamente), da Baviera (a leste), a Alsácia (a oeste, hoje pertencente à França), a Suíça e a parte ocidental da Áustria (a sul).<sup>2</sup>

Os elementos do HSS (e referimo-nos não apenas à informação cartografada, mas também ao texto) relativos à tradição alemânico-alsaciana de escrita foram, por sua vez — isto é: em sentido inverso —, directa e paradigmaticamente confrontados com os do Ms. W.

Esta abordagem baseia-se, pois, não na dialectologia moderna — como hoje ainda é comum (e oferecendo, aliás, resultados válidos, quando tomadas as devidas precauções metodológicas) —, mas sim, pela primeira vez, numa comparação sintópica e, sobretudo, também sincrónica, o que só é possível desde a publicação do HSS; por outras palavras: esta é uma abordagem de um texto literário à luz da dialectologia histórica, não recente.

Procurando dar uma breve visão da génese do HSS, diremos que é dos projectos resultantes da fundação, ainda em 1940, do “Instituto de Geografia Histórica” da Universidade de Friburgo/Breisgau, pelo germanista e medievalista Friedrich Maurer e pelo historiador Hans Walter Klewitz, tendo-se estabelecido como objectivo primordial desta ‘escola’ o estudo da história linguística do sudoeste alemão, mais especificamente da área compreendida entre os Vosgos e o Lech, o Alto-Reno/Allgäu e o Meno (do ponto de

vista geográfico) e o período de tempo entre 1280 (quando surgem, pela primeira vez, os 'Urbare', vide infra) e 1430 (fim da relevância das fontes para as redes) através do estudo da microtoponímia e de outros documentos locais.

'Schriftldialekt' não poderá ser definido como um 'dialecto' no sentido moderno do termo, antes como uma 'TRADIÇÃO REGIONAL DE ESCRITA' (em sentido lato, uma vez que pode também ser mais ou menos 'localizada').

O conceito de 'Urbar(e)' — que é um termo muitíssimo recente, não se encontrando sequer ainda em alguns dicionários, e para o qual, após consulta junto de dois colegas especialistas nas áreas dos Estudos Portugueses,<sup>3</sup> adoptámos a designação de 'TEXTOS FUNCIONAIS' — abrange todos os textos de origem e uso privados (por conseguinte, distintos dos textos tabeliônicos, notariais, das chancelarias, aos quais corresponde o termo alemão 'Urkunde(n)').

Os 'textos funcionais' estão ligados, essencialmente, à agro-pecuária, sendo constituídos por inventários agrícolas, contratos de arrendamento rural, balanços, livros de contas e outros documentos relativos à vida e à administração rurais.

Estando estreitamente ligados à terra (provêm quase exclusivamente de lavradores), apresentam, pelo seu carácter não-literário, não-erudito, uma relação directa com os dialectos locais e com a língua falada. O seu material consiste, em grande parte, em nomes e apelativos. Têm um carácter homogéneo sob os aspectos formal, funcional, situativo, sociológico e de conteúdo.

Este atlas (que é composto por dois volumes: I. Texto. Introdução, Comentários e Documentação; II. Cartas. Introdução, Vocalismo tónico, Vocalismo átono, Consonantismo) foi publicado em 1979, com o patrocínio de Friedrich Maurer, pela Editora A. Francke, de Berna e Munique.

A escolha recaiu sobre o manuscrito W, dado que este manuscrito terá sido escrito na primeira metade do séc. XIV e na zona de Estrasburgo, circunstância que permite a comparação sincrónica e sintópica com o HSS.

Tratava-se, pois, de verificar (e, como foi o caso, confirmar) a localização e datagem do manuscrito, comparando-o com a tradição alemão-alsaciana de escrita presente nas cartas do HSS. Pretendia-se, igualmente, através do confronto com as realizações grafemáticas cartografadas no HSS, estudar o grau de variação do Ms. W relativamente ao Médio-Alto-Alemão normalizado. Partindo da edição (ou melhor, das edições de Marold), analisou-se o sistema grafemático do Ms. W. Os resultados desta análise constituem o núcleo do trabalho — a 'gramática' do manuscrito.

Para o sistema consonântico optou-se pelo Germânico-Occidental como metassistema, enquanto para o vocálico se escolheu o do Médio-Alto-Alemão (normalizado), o que permite uma comparação directa com os dados do HSS e, por conseguinte, uma elevada fiabilidade dos resultados.

A 2.ª Mutaçãõ Consonântica — ocorrida, sensivelmente, a partir do séc. VII d. C. — gerou profundas alterações no sistema consonântico do espaço linguístico alto-alemão. Em

virtude da diferente distribuição diatópica e diacrónica das deslocações fonémicas (sendo, por vezes, necessário referir a geminação consonântica do Germânico-Occidental), o recurso a este sistema consonântico revelou-se como mais adequado do ponto de vista metodológico do que a opção por um metassistema “médio-alto-alemão normalizado”.

Em contrapartida, no que respeita ao vocalismo, a escolha de um metassistema anterior ao do “Médio-Alto-Alemão normalizado” iria dificultar o trabalho de análise, dado que o Germânico-Occidental ainda não apresenta a metafonia, que surge apenas com a 2.ª mutação consonântica.

O HSS inclui textos funcionais provenientes, para o que nos interessa neste caso, de Estrasburgo (e arredores), visando esta comparação grafemática verificar quais as grafias no Ms. W que permitem (ou determinam) uma localização na Alsácia ou mesmo em Estrasburgo.

Para as (poucas) grafias sem correspondência no HSS procurou-se uma comparação com outros estudos relativos à língua dos textos oficiais.

Usando um princípio metodológico exigível nesta tese pelos seguintes três motivos / factores (GLASER 1988: 328) —

- 1.º existência de uma reconstrução do sistema fonológico,
- 2.º proximidade cronológica e linguística,
- e 3.º existência de um *tertium comparationis*

—, partiu-se dos dois metassistemas atrás referidos, com a particularidade de, relativamente ao consonantismo germânico-occidental, se ter optado por indicar as respectivas correspondências fonológicas no Médio-Alto-Alemão normalizado.

Após a análise do manuscrito W e do HSS, procedeu-se à esquematização das realizações grafemáticas dos fonemas que fazem parte dos sistemas confrontados. A concordância dos dados do Ms. W com as cartas do HSS mostra claramente uma aproximação do manuscrito literário W ao uso não-literário presente nos textos funcionais do HSS.

O estudo permite, ainda, concluir que tanto o Ms. W como o HSS, no essencial, não se desviam muito do “Médio-Alto-Alemão Clássico normalizado”. Quanto tal ocorre — isto é: quando se verifica variação<sup>4</sup> —, são evidentes as semelhanças entre o Ms. W e o HSS (em especial, no que respeita ao Alsaciano, especificamente a Estrasburgo).

A análise do consonantismo foi realizada com indicação (conforme já referido) dos fonemas médio-alto-alemães normais resultantes da 2.ª Mutaçãõ Consonântica (isto é: Labiais, Dentais e Guturais) e tendo em conta as posições distribucionais mais importantes, a saber:

- 1: inicial;
- 2: medial/intervocálica após vogal breve;
- 3: medial/intervocálica após vogal longa ou ditongo;
- 4: final (encoberta ou absoluta).

Mesmo no consonantismo (isto é: nos respectivos sub-sistemas fonológicos e grafemáticos) se constata — é certo que com alguma variação/variabilidade — uma regularidade evidente.

Esta variação diatópica no manuscrito W constitui precisamente o traço que permitiu não só (como pretendido) a re-interpretação e a verificação, como também a confirmação da origem geográfica e temporal do manuscrito.

Dois outros tipos de conclusões (embora estreitamente relacionados) ressaltam também deste estudo: a extrema relevância das rimas e a relação entre fonema e grafema.

As rimas (nos textos literários) permitem-nos verificar, com maior fidelidade, o valor fonológico de uma dada grafia, na medida em que dispomos de um ponto de referência concreto e preciso. O escriba (ou copista) esforça-se, de maneira consciente, por obter uma correspondência fonética no final dos versos; através desta procura da rima por parte do escriba é possível verificar, com relativa segurança, se existem correspondências fonéticas ou fonológicas. O estudo das rimas fornece-nos informações valiosas e relevantes (raramente distorcidas pela tradição) quanto à língua literária ou à tradição de escrita do autor/escriba, pelo que se tornou realmente indispensável num trabalho de carácter fonológico-grafemático.

Com base nestes princípios — desenvolvidos por Konrad Zwierżina na viragem do século (ZWIERŻINA 1900, 1901), procedeu-se, no estudo do *corpus* literário desta dissertação, a uma procura direccionada de posições rimadas.

Este princípio metodológico entrecruza-se, por sua vez, com a problemática da relação entre o fonema e o grafema, entre fonologia e grafemática. Na sequência do que referimos a respeito da 'rima', temos como justificada a nossa "profissão de fé" (digamos assim) na chamada 'Phonembezogene Richtung', isto é, na escola que considera existir uma relação estreita entre fonema e grafema (como a sua representação escrita, seja em correspondência directa, seja em correspondência indirecta (cf. HARWEG 1971).

Mesmo os defensores da chamada 'Autonome Richtung' — não apenas McIntosh, mas antes dele (entre outros) também Vachek (do Círculo Linguístico de Praga) ou Uldall atribuem ao grafema, apesar de tudo, uma primeira função representativa. A autonomia do grafema deve ser considerada como secundária, isto é: a dependência relativamente ao fonema (ainda que relativa) é predominante.

Esta é, em nosso entender, uma interpretação perfeitamente legítima da adaptação das diferentes grafias à pronúncia, e passamos a referir vários exemplos:

— do alfabeto latino às línguas germânicas, seja no período carolíngio (uu/vv como representação da semivogal /w/), seja no médio-alto-alemão (pf como representação da africada /pf/, um dos fonemas resultantes da 2.ª mutação consonântica de /p/<sup>S</sup>) ou também no pré-novo-alto-alemão, com a dupla sinalização de vogal breve através da duplicação sucessiva de consoantes — p. ex. em *hēllffen* (Lutero, Müntzer, chancelarias...) —, já não falando do <ß>, que não é mais do que a representação gráfica da confluência fonemática dos dois /s/ do alemão medieval: o apical (proveniente do /s/ germânico) e o dorsal (resultante da 2.ª mutação consonântica de /t/): { + 3.

O sistema grafemático é uma convenção, através da qual — com maior ou menor fidelidade consoante os períodos, as épocas e as línguas — se procura conseguir a representação gráfica de um dado sistema fonológico.

Em virtude da sua essência e função primordial — conservação ou substituição (como meio da comunicação indirecta) —, a escrita depende da pronúncia (em medida variável), sendo ainda de considerar que a escrita existe apenas há poucos milhares de anos (e ainda menos se tivermos em conta a escrita alfabética), ao passo que o sistema (fonológico) da língua contará com uma existência de dezenas de milénios.

As alterações ocorrentes no sistema grafemático não acarretam alterações no sistema fonológico, o qual pode, aliás, ser representado por diferentes sistemas de escrita, sem que daí resulte qualquer mudança fonemática. Para além dos exemplos atrás referidos, poder-se-iam também mencionar os seguintes:

— p. ex. a adopção do alfabeto latino na Turquia (inserido no processo de ocidentalização e modernização levado a cabo por Ata Türk); do alfabeto cirílico (já de si desenvolvido a partir do grego para algumas línguas eslavas) por línguas turco-altaias nos territórios e repúblicas da Ex-URSS; ou também (um caso que se reveste, aliás, de imenso interesse) do alfabeto latino em inscrições votivas na Serra da Estrela, numa língua que TOVAR (1966-67) definiu como "lusitano", uma língua para- ou pré-céltica, apresentando traços marcadamente balto-eslavos e que, no séc. II a. C. (início da romanização), ainda possui traços arcaicos, datados do 1.º milénio a. C.!

Inversamente — o que, note-se, ocorre com frequência: pensemos apenas nas diferentes e sucessivas reformas ortográficas (embora não de forma generalizada) implementadas nas diversas línguas — em particular (por razões óbvias de interesse para nós como germanista) a nova reforma ortográfica para a língua alemã, assinada, em Viena, em 1 de Julho de 1996, a qual levanta inúmeras questões (deixando outras em aberto, nomeadamente as ligadas à Didáctica do Alemão<sup>6</sup>) —, uma mudança fonemática pode levar a uma mudança no sistema de escrita.

É verdade que a língua escrita não se limita, como diz ALTHAUS (1980: 144), a ser uma "mera imagem da língua falada" e que desenvolve, reconhecidamente, as suas próprias regras de variância (que deverá, ainda assim, ser vista como de carácter grafético e não grafémico); contudo, são absolutamente incontestáveis as correspondências ou os paralelos de oposições relativamente ao sistema fonológico.

Por outras palavras: quer nos identifiquemos com a 'Phonembezogene Richtung' (a que está subjacente o conceito de "Fonografema"), quer com a 'Autonome Richtung' (baseada fundamentalmente no "Princípio da Arbitrariedade" segundo a Filosofia da Linguagem e os gramáticos dos sécs. XVII e XVIII, arbitrariedade esta referente a substâncias ou meios representantes de formas linguísticas), quer tendamos para uma solução de compromisso — seja p. ex. na "Teoria do Grafonema" em MCLAUGHLIN 1963 ou ainda no princípio metodológico em GARBE 1969 —, se quisermos, pois, reconstruir e analisar sistemas fonológicos de estados de língua antigos e históricos, temos necessariamente de recorrer à análise grafemática como única base objectiva.

Resumindo: neste trabalho, foi feita a análise, num corte sincrónico, da relação complexa entre língua literária e tradição regional de escrita no alemão tardo-medieval a partir das correlações entre fonema e grafema num manuscrito literário e em textos funcionais cartografados de origem alemão-alsaciana.

Foi possível — com base nos resultados concernentes à variação fonológico-grafemática no Ms. W em comparação com os textos funcionais do HSS, isto é, sem recorrer à dialectologia moderna — verificar grau e amplitude do desvio (relativamente ao Médio-Alto-Alemão clássico) tanto do manuscrito literário como dos textos funcionais.

#### NOTAS:

- 1) O texto desta comunicação é, no seu essencial, complementar e posterior à dissertação de doutoramento (vide infra), embora nela se baseie.
- 2) Para melhor orientação do público, elaboraram-se dois acetatos (um com o mapa da Alemanha, outro com o mapa do sudoeste do espaço linguístico alemão), os quais, tal como os diagramas fonológicos e fonológico-grafemáticos, não constam do texto agora publicado. Remete-se o leitor interessado para a nossa dissertação de doutoramento (ESPÍRITO SANTO 1997).
- 3) Renovamos aqui os nossos agradecimentos aos Doutores Evelina e Telmo Verdelho (respectivamente, das Universidades de Coimbra e de Aveiro) pela ajuda prestada na definição das traduções dos termos alemães.
- 4) Deve salientar-se que, neste contexto, o termo 'norma' não poderá ser entendido no sentido moderno de 'norma explícita' (e institucionalizada) — o que, para o Alemão, apenas ocorre no séc. XIX —, mas como uma 'tendência' supra-regional ('norma tácita?'), baseada, para o Médio-Alto-Alemão (em particular, o clássico), no modelo alemânico, que irradiou a sua enorme influência até ao espaço baixo-alemão (cf. p. ex. as obras de Hendrik van Veldeke/Heinrich von Veldeken e de Albrecht von Halberstadt) e aos textos de carácter místico (Hildegard von Bingen, Mechthild von Magdeburg...).
- 5) Acresce dizer, a este respeito, que as grafias contendo *h* parecem realmente apontar para uma fase intermédia caracterizada por uma hiper-aspiração das oclusivas surdas.
- 6) A discussão destas questões não cabe, no entanto, neste(s) trabalho(s), prevendo-se numa outra ocasião e noutro contexto.

#### BIBLIOGRAFIA:

- ALTHAUS, Hans-Peter. 1980. "Graphemik", in *Lexikon der Germanistischen Linguistik*, ed. p. Hans-Peter Althaus (et al.), art. 12, pp. 142-151. Tübingen.
- ESPÍRITO SANTO, Francisco. 1997. *Zum Verhältnis von Literatursprache und Schriftdeutsch im (Spät-)Mittelhochdeutschen*. Ein phonologisch-graphematischer Vergleich. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Aveiro. [Texto integral em língua alemã, com um resumo em língua portuguesa.]
- GARBE, Burckhard. 1969. *Sprachliche und dialektgeographische Untersuchungen zur Prager Hs. der rheinischen „Rede von den XV Graden“*. Göttingen.

- GLASER, Elvira. 1988. Autonomie und phonologischer Bezug bei der Untersuchung älterer Schriftlichkeit, in *Paul und Braunes Beiträge (zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur) 110*, pp. 313-331.
- GOTTFRIED VON STRASSBURG. *Tristan*. Manuscrito 'W'. Cod. Vindob. 2707,3 da Biblioteca Nacional de Viena (sigla ant.: Philol. 216, Ms. Ambras. 424). Pergaminho 8<sup>o</sup> (fotocópia integral autorizada).
- GOTTFRIED VON STRASSBURG. *Tristan*. Ed. p. Karl Marold. Unveränderter 4. Abdruck nach dem 3. mit einem aufgrund von Friedrich Ranks Kollationen verarbeiteten Apparat besorgt von Werner Schröder, photomechanischer Nachdruck der Ausgabe Leipzig 1906. Berlin, New York 1977.
- HARWEG, R. 1971. Buchstabe und Graphem, in *Linguistische Berichte 13*, pp. 78-80.
- KLEIBER, Wolfgang / KUNZE, Konrad / LÖFFLER, Heinrich. 1979. *Historischer Südwestdeutscher Sprachatlas*. 2 vols. Bern, München.
- MCLAUGHLIN, John C. 1963. *A Graphemic-Phonemic Study of a Middle English Manuscript*. The Hague.
- NERIUS, Dieter / SCHARNHORST, Jürgen. 1980. "Grundpositionen der Orthographie", in *Theoretische Probleme der deutschen Orthographie*, ed. p. D. Nerius e J. Scharnhorst, pp. 11-73.
- TOVAR, António. 1966-67. L'inscription du Cabeço das Fráguas et la langue des Lusitaniens, in *Études Celtiques*, vol. XI, fasc. 2, pp. 237-268.
- ZWIERZINA, Konrad. 1900. Mittelhochdeutsche Studien, in *Zeitschrift für deutsches Altertum 44* (vol. 32), pp. 1-116, 249-316, 345-406.
- , 1901. Mittelhochdeutsche Studien, in *Zeitschrift für deutsches Altertum 45* (vol. 33), pp. 19-100, 253-286, 317-419.